CHERYL HOLT

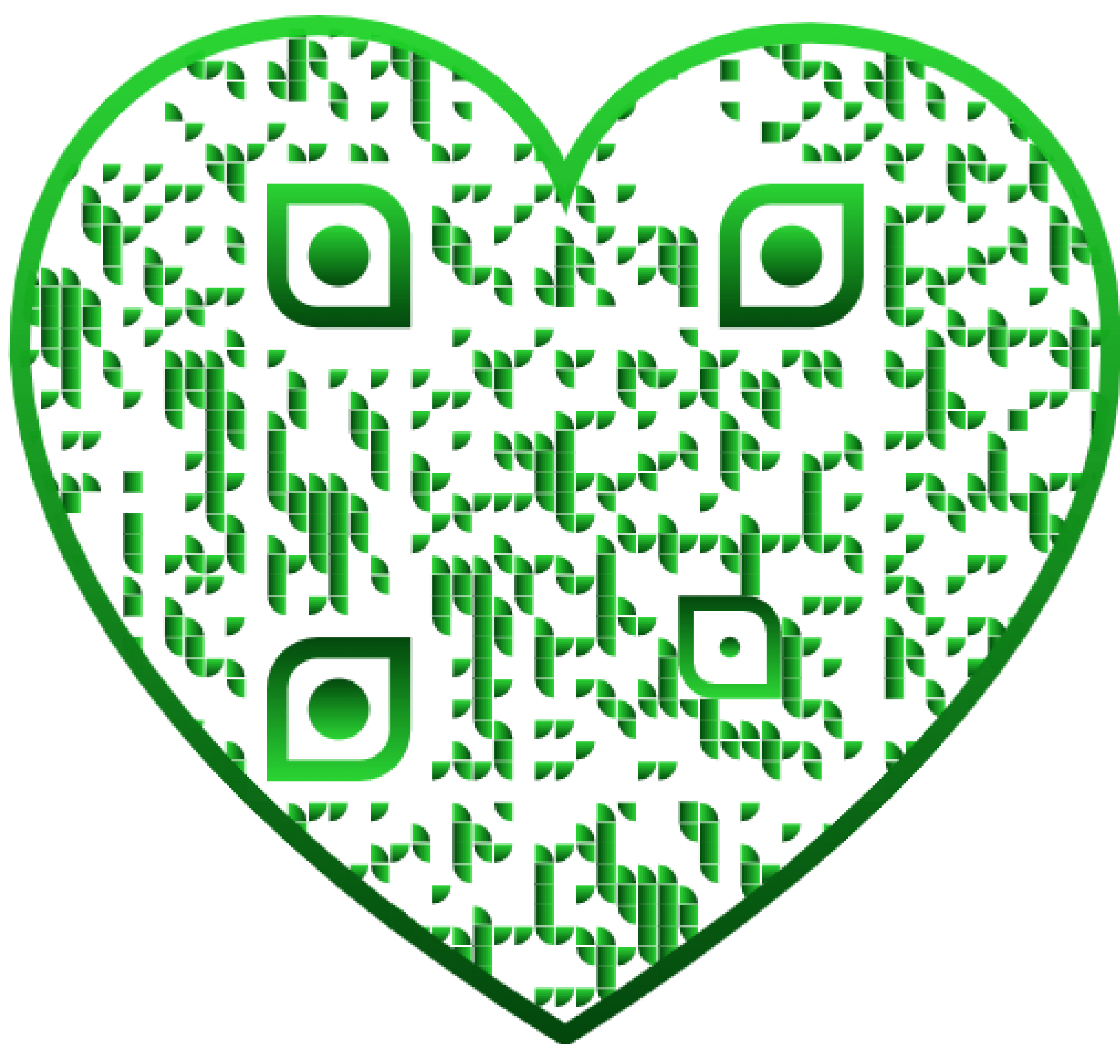
Autora de *Noites de Paixão* e *Ligações Proibidas*

O primeiro BEIJO

Conseguirá ela enfeitiçá-lo?

UM CONTO DE NATAL

Quinta Essência



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Ficha Técnica

Título original: First Kiss on Christmas Eve
Título: O Primeiro Beijo
Autor: Cheryl Holt
Tradução: Ana Lourenço
Capa: Neusa Dias
ISBN: 9789897260957

QUINTA ESSÊNCIA
uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda
uma empresa do grupo LeYa
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2013, Cheryl Holt
e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com
www.quintaessencia.com.pt
www.leya.pt

Prefácio da autora

Feliz Natal a todos! Esta história é sobre dois dos meus personagens favoritos, Miss Clarinda Dudley e o capitão Aiden Bramwell, que apareceram como personagens secundários em vários dos meus livros.

Clarinda Dudley é um personagem recorrente nos três romances da minha trilogia « Spinster's Cure» lançada em 2010. É uma curandeira e feiticeira que viajou sempre com o irmão mais velho, Phillip Dudley. (Ele também usa o nome falso de Philippe Dubois). O irmão é um vigarista de falinhas mansas que vende poções de amor falsas e tónicos a mulheres inocentes. Ao longo da vida de Clarinda, as suas principais tarefas foram mantê-lo longe de sarilhos, longe da prisão, e pôr um travão aos seus piores esquemas. Da última vez que os leitores viram Clarinda, ela separara-se do irmão e fora viver como uma espécie de governanta na encantadora mansão rural escocesa do seu amigo capitão Tristan Odell.

Aiden Bramwell é o irmão mais novo do conde de Roxbury. É um capitão experiente da marinha que – para horror da família – está envolvido no comércio. É dono de vários navios e usa-os para construir a sua própria fortuna de modo que, quando casar, possa fazê-lo como homem rico, sem ter de implorar por dinheiro ao irmão mais velho. A família dele é muito antiquada, muito snobe, com opiniões irritantes sobre classe e estatuto e como a nobreza não deve interagir com os plebeus. Portanto, Clarinda é exatamente o oposto da mulher que ele consideraria adequada para qualquer coisa. Ele fez algumas aparições nos meus livros *Dreams of Desire* e *Love's Price*.

Clarinda e Aiden vêm de mundos diferentes e têm personalidades muito diferentes, ingredientes que sempre senti produzirem um herói e uma heroína fantásticos. Sempre achei que os seus caminhos deviam cruzar-se e que eles deviam acabar juntos com a sua própria história e o seu próprio livro. Porém, ainda não tive tempo de a escrever.

Neste conto, decidi ver como eles se encaixam como casal. Estão ambos na Escócia, com Clarinda a viver lá e Aiden de férias. Encontram-se na véspera de Natal quando ele bebeu de mais e se envolveu numa luta numa taberna.

Feliz Natal, Clarinda e Aiden!

Um Primeiro Beijo
De
Cheryl Holt

Clarinda Dudley levantou os olhos para o céu da noite, contemplando as nuvens que deslizavam diante da Lua. Caíam alguns flocos de neve. As suas faces e nariz estavam vermelhos do frio, os dedos também, de segurarem as rédeas da carruagem.

Era véspera de Natal, e o mundo inteiro encontrava-se recolhido, sequestrado em torno das suas lareiras. *Ela* era a única suficientemente tola para estar fora de casa.

– O dever chama sempre – murmurou para o bosque silencioso.

Fora convidada para várias festas, mas evitara as comemorações, dizendo a si mesma que estava contente por passar o feriado na sua sala de estar, junto à lareira. À luz da vida itinerante que levara, a perambular atrás do irmão, Phillip, achara que iria gostar da nova experiência de celebrar o Natal, pela primeira vez, sob o seu próprio teto.

Porém, a casa era tão vasta, os aposentos tão grandes e vazios. Os criados eram a sua única companhia e, embora nunca se tivesse considerado muito superior a qualquer um deles, naquele momento era-o. Se tentasse entabular uma conversa amigável, fitavam-na de boca aberta como se lhe tivesse crescido uma segunda cabeça.

Mesmo no seu cantinho rural da Escócia, os limites tinham de ser mantidos. Ela era a patroa e os criados não iriam deixá-la esquecer isso.

Quando ouvira bater à porta, estivera a andar de um lado para o outro aborrecida de morte. Fora um alívio ser chamada por um vizinho. Vivia na zona havia seis meses, e a sua reputação como curandeira e boticária tinha-se rapidamente espalhado. Era constantemente procurada para tratar de febres ou coser feridas.

E concordava sempre em ajudar. Nunca fora de estar parada e não imaginava como é que as jovens de boas famílias conseguiam aguentar as suas horas de inércia. A preguiça fazia-a enlouquecer. Ela gostava de trabalhar e de ser útil, e não iria desculpar-se pelas suas competências ou pelo seu prazer em executar coisas práticas.

Perguntou-se que horas seriam, se não era já dia de Natal. Não estava com pressa nenhuma para chegar a casa. Não havia nada a fazer a não ser passear pelos aposentos silenciosos, ouvir os seus passos ecoarem nos tetos altos.

Tinha saudades do irmão e estava a pensar nele tão intensamente que não prestava atenção ao que a rodeava. Acabara de descrever uma curva na estrada quando o seu cavalo resfolegou e se empinou levemente. O movimento súbito do animal quase a arrancou do banco, provocando-lhe o maior susto da sua vida.

Havia um homem a andar no meio da estrada, e ela puxou as rédeas e parou.

– Oh, olá – disse ele, como se estivessem numa rua movimentada numa tarde soalheira, em vez de no meio do nada numa noite de inverno cheia de neve.

– Olá – disse ela também. – Tem sorte por eu não o ter atropelado. Não me ouviu aproximar?

– Não. Estava um pouco distraído...

– Sente-se bem?

– Quer dizer apesar de o meu cavalo ter sido roubado, de eu ter muito provavelmente algumas costelas partidas e de quase ter sido esfaqueado?

– Esfaqueado!

– Sim… com uma faca grande e ferrugenta.

– Meu Deus! Está ferido?

– Só o meu orgulho. Tive um... desentendimento na taberna da aldeia.

Clarinda riu-se.

– Se é só o seu orgulho que está ferido, tenho a certeza de que irá sobreviver.

– Eu também tenho a certeza.

– Agora a sério. Sente-se bem?

Ele olhou para o torso.

– Pareço estar.

– Quer boleia? – perguntou ela.

– Isso depende do seu destino.

– Vou para casa… a seguir à próxima colina. E para onde vai?

– Também para casa, algumas colinas a seguir a si

Ela contou mentalmente as propriedades do vale, um pouco curiosa a respeito da grande mansão para que ele se dirigiria. Várias famílias proeminentes tinham aberto as suas mansões durante a quadra festiva, e como era amiga do capitão Tristan Odell, Clarinda fora convidada para os seus jantares e bailes e tardes de cartas.

Quando chegara à Escócia, participara em todos os serões, mas o encanto tinha-se rapidamente desvanecido. Não gostava de gente rica, não suportava os seus modos snobes e superiores. Sempre sobrevivera pela sua inteligência e astúcia, e perdera rapidamente a paciência para tolerar esse tipo de disparates.

Na sua opinião, a riqueza e a loucura andavam lado a lado.

– Quem é o seu anfitrião? – perguntou ela. – Lorde Roxbury?

– A mãe dele.

– Coitadinho – murmurou ela. Os Bramwells eram os piores de todos e a mãe do conde uma megera cruel. – Ouvi dizer que ela pode ser bastante irritante.

– *Irritante* está muito longe da verdade.

– E que tal a boleia? – perguntou ela de novo quando uma rajada de vento frio lhe açoitou o casaco. – Pode deixar-me em casa e seguir para a mansão dos Roxbury. Confio em si para me devolver o cavalo e a carruagem amanhã. Se

não o fizer, sei onde encontrá-lo.

– Não tem medo de mim? É uma mulher sozinha numa estrada escura e é... – Ele calou-se e franziu o sobrolho. – Porque está aqui sozinha?

– Precisaram dos meus serviços profissionais.

– Na véspera de Natal?

– Sou curandeira. Tive de coser um bêbado.

– E então? Porque não veio um criado consigo?

– Não sou uma debutante de Londres a precisar de acompanhante. Mandei todos os meus criados para a cama… onde qualquer pessoa sã devia estar a esta hora.

– O que está a insinuar sobre nós os dois? – perguntou ele com um sorriso irónico. – Parece-me que acabou de nos difamar.

– Acho que sim.

– Porque teria alguém a indelicadeza de a arrastar para a rua na véspera de Natal?

– Pode haver maus comportamentos a qualquer momento. Ficaria admirado com os sarilhos em que as pessoas conseguem meter-se a meio da noite.

– Não, não ficaria. Acabo de vir de uma briga numa taberna, lembra-se? – Ele apontou para o lugar vazio ao lado dela. – E se eu for um ladrão? E se me aproveitar de si?

– Na sua discussão mais recente, quase foi esfaqueado. – Ela enfiou a mão debaixo da saia e tirou de lá a pistola pequena com que andava sempre. Apontou-a para ele, deixando-o olhar bem para o cano. – Se tentar alguma coisa engraçada comigo, dou-lhe um tiro entre os olhos. Então vem comigo ou não?

– Como pode um homem recusar um convite desses? – Ele franziu a testa ao olhar para a pistola. – Guarde isso, está bem? Detestaria que disparasse por acidente.

– Se a arma disparar, será porque apertei o gatilho.

– Ainda assim, se me matar, como iria a minha reputação sobreviver?

– Oh, suba! – retrucou ela.

A sua ordem firme resultou. Ele içou-se para a carruagem, fazendo uma careta de dor quando se instalou no banco estreito.

Era um homem grande, com ombros largos e um peito amplo, e ocupava muito espaço. Era impossível ela não lhe tocar. Os braços, ancas e coxas de ambos estavam colados.

– Está a inclinar-se mais para um lado – observou ela.

– Já lhe disse: acho que parti uma ou duas costelas.

– Na luta?

– Sim.

– Perdeu?

– Eu? Perder? Nunca.

– Se *ganhou*, porque tem costelas partidas?

– Devia ter visto o outro tipo.

– Sim, sim, meu guerreiro musculoso. Tenho a certeza de que o deixou feito num oito.

– Foram três, na verdade. Irão arrepender-se de manhã.
– Aposto que você também irá.
– Talvez tenha razão.
Sorrindo, ele moveu-se na direção dela no momento em que as nuvens descobriram a Lua. Uma luz prateada brilhou, envolvendo-os num brilho mágico. Ela pôde observar pormenores que não tinham sido evidentes quando ele estivera de pé no chão.
Era muito bonito, o que ela detestou. Os homens bonitos eram demasiado vaidosos, demasiado confiantes em relação ao seu impacto. O seu irmão, Phillip, era o primeiro exemplo de um homem que usava a sua beleza para derrotar o bom senso de uma mulher.
Clarinda aprendera muito cedo a ser cautelosa. No entanto, ali estava ela, sozinha e encostada a um homem cujo rosto deixara provavelmente mulheres a suspirar em todo o reino.
Tinha cabelo escuro, demasiado comprido e apanhado num rabo de cavalo com uma tira de couro. Os seus olhos eram muito azuis, e brilhavam de malícia. Ela podia sentir o calor do seu corpo, podia sentir os odores masculinos de tabaco e brande, fazendo-a tomar consciência dele de uma forma que não lhe agradava.
– Esteve a beber – observou ela.
– Sim, e posso ter exagerado um pouco.
– Exagerou com certeza se isso o levou a lutar com três homens.
– Estava a defender a honra de uma mulher… penso eu.
– Quem era? Uma cliente da taberna?
– Sim, ela chamava-se Mary, creio.
– Mary McNulty?
– Sim, isso mesmo. – Clarinda riu-se, e ele perguntou: – Onde está a piada?
– Ela é uma prostituta. Toda a gente sabe isso. Não tinha *honra* para defender.
– Bolas – murmurou ele, e estendeu a mão. – Aiden Bramwell. Prazer em conhecê-la.
Ela gemeu.
– Bramwell?
– Sim.
– O irmão do conde?
– O próprio.
– Deixou-me insultar a sua mãe e não disse nada.
– Hei de superar isso.
– Clarinda Dudley. – Ela apertou-lhe a mão, e ele fez nova careta com a força que ela aplicou.
– Feriu a sua mão? – perguntou ela.
– Os nós dos dedos. Tenho um gancho de direita terrível.
– Está um caco.
– Pois estou.
Ela calçara luvas, e estupidamente, ocorreu-lhe que gostaria de ter tocado na pele dele. Tinha a Visão e, através do contacto físico, podia muitas vezes discernir todos os tipos de coisas que não devia saber.

Numa era anterior, provavelmente teria sido queimada como bruxa.
– A senhora é a amiga do capitão Odell – disse ele.
– Sim. Conhece-o?
– Vagamente. Está hospedada em casa dele.
– Sim.
– É a grosseirona que recusou o convite da minha mãe para jantar.
– Bem, sim, sou. – Clarinda poderia ter apresentado uma dezena de desculpas, mas mordeu a língua.
– Ela ficou indignada com a sua descortesia. – Levantou o nariz, como se estivesse a imitar a velha bruxa. – Diz que a senhora é uma vadia ingrata que vive acima do seu nível. Esqueceu-se de como deve agir em relação aos seus superiores.
– Nunca passei muito tempo em torno dos meus *superiores*, portanto nunca me disseram como devia agir.
Ele observou-a de uma maneira que a incomodou. Parecia ver mais do que devia, e ela desviou o olhar.
– Não gosta dela – murmurou ele, como se nunca lhe tivesse ocorrido que alguém podia não gostar da sua mãe. Soando atordoado, repetiu: – Não gosta da minha mãe!
– Não, desculpe – admitiu ela. Já tinha tratado uma criada dos Bramwell depois de a mãe dele a ter mandado chicotear por insubordinação.
Ele assentiu.
– Se não gosta da minha mãe, e é suficientemente ousada para o dizer em voz alta, pode ser a pessoa mais inteligente e mais corajosa do mundo!
– Lá isso sou. – Ela riu-se de novo.
– É mesmo uma curandeira? A senhora... *trabalha?*
Ele ficou horrorizado com a perspetiva, e ela revirou os olhos. Bolas, as pessoas ricas eram mesmo umas sensaboronas!
– Sim, trabalho. É chocante, mas verdadeiro.
– Mas é mulher – queixou-se ele. – É contra a ordem natural das coisas. Devia ter um homem a orientá-la e a protegê-la.
– No passado, tive o meu irmão, mas se o conhecesse, perceberia que estou melhor a orientar-me e a proteger-me.
– Então é livre e independente?
– Absolutamente.
– Vai matar a minha mãe com a sua modernice.
– Tentarei não o fazer. – Apontou para o flanco dele. – Quer que veja os seus ferimentos? É o mínimo que posso fazer por tê-lo insultado.
Ele hesitou, e então disse:
– Deixe-me pensar no assunto. Veremos como estou quando chegarmos à sua porta.
Ela pegou nas rédeas, fê-las estalar para incitar o cavalo e o animal começou num trote lento.
– Quer que eu conduza? – perguntou ele.
– O senhor esteve a beber. Não.
– Sou um homem, e você é uma mulher. Mesmo tocado, sou melhor

condutor.

– Oh, por favor! – zombou ela. – Fique em silêncio, e deixe-me levar-nos para casa em paz.

Ele surpreendeu-a ao obedecer, e ela mal pôde acreditar que um Bramwell podia ser tão complacente. Eram três irmãos, todos eles impetuosos e rudes e criados com tanta opulência que se sentiam donos do mundo. E eram. Mais ou menos.

Qual seria a sensação de ser como ele? Ela começara com uma mãe que, de acordo com a história que o irmão contava num determinado dia, tinha sido uma princesa russa ou uma debutante britânica ou uma cigana itinerante.

O pai tinha sido um conde italiano ou um conde britânico ou o noivo da princesa russa ou um pirata fanfarrão ou o que a fantasia do irmão produzisse nesse dia.

Ela não se lembrava da mãe nem de como tinham acabado nas ruas cruéis de Londres. Phillip nunca lho dissera, mas ambos tinham provado ser sagazes e inteligentes e, graças aos ardis de Phillip, tinham sobrevivido e prosperado.

Perguntou-se o que pensaria Aiden Bramwell do seu passado. Qual deles teria sido mais feliz em criança. Ela suspeitava que tivera a melhor vida.

Viraram no portão que dava para a casa onde ela estava. Os criados tinham deixado um candeeiro aceso para a sua chegada. Era uma visão tão acolhedora que as lágrimas lhe inundaram os olhos. Ela nunca tinha vivido antes num lugar permanente, e a noção causou-lhe uma alegria inesperada.

Parou o cavalo e amarrou as rédeas. Mr. Bramwell fez menção de descer, mas ela saltou primeiro e contornou a carruagem para o deter.

– Não se mexa – repreendeu.

– Porque não?

– Eu ajudo-o a descer. Quero levá-lo para dentro e apalpar essas suas costelas.

Não se deu conta de como o seu comentário soou lascivo, e ele esboçou um sorriso travesso.

– Faça favor, apalpe as minhas *costelas*. Enquanto estivermos nisso, há algum outro sítio em que esteja desejosa de tocar? Não me importo.

Fitava-a com um ar tão arrojado e bonito que ela mal suportou olhar para ele. Se fosse o tipo de mulher que podia deixar-se encantar por um homem – e não era – poderia naquele momento estar a sentir os joelhos fraquejarem.

Ela corou de vergonha.

– Sou uma boticária experiente – insistiu ela. – Se lhe tocar, faz parte do meu trabalho.

– Claro que faz – meditou ele. – Tenho a certeza de que não tem nada a ver com o meu corpo viril.

– Não se iluda.

– Se tivesse sabido que o resultado final da minha luta seriam as suas doces ministrações, teria deixado os bandidos darem-me mais alguns socos.

– O senhor é louco – murmurou ela.

Atrás dela, a porta abriu-se e o criado, John, apareceu. Quando ela saía a horas estranhas, alguém esperava sempre por ela.

– Trouxe um paciente – explicou ela, apontando para John. – Pode ajudá-lo a descer?

– Com certeza, Miss Dudley.

Ele aproximou-se e estendeu a mão a Bramwell. Este agarrou-a e foi auxiliado a descer. Ambos cambalearam um pouco, e, evidentemente, John também tinha bebido. Haveria alguém na Escócia que não estivesse embriagado?

– Capitão Bramwell! – exclamou John com um sorriso. – Que bom vê-lo de novo.

– Olá, John – respondeu Bramwell. – Também é um prazer vê-lo.

– Veio visitar a sua mãe?

– Toda a quadra festiva.

John fitava-o como se Bramwell andasse sobre a água, como se fosse o campeão do rei.

– Quer que o ajude a entrar, capitão? – perguntou.

– Miss Dudley declarou em toda a sua infinita sabedoria médica que apenas o meu orgulho está ferido – disse Bramwell com um sorriso. – Eu devo ser capaz de me arrastar sem ajuda.

– Ele andou a lutar – disse Clarinda. – Na taberna na aldeia.

– A lutar! – John riu-se. – Então teve uma véspera de Natal melhor do que a minha.

– Só um homem seria capaz de pensar assim – resmungou Clarinda.

– Ela alega ser boa a prestar cuidados médicos – disse Bramwell. – É verdade?

– Lava os instrumentos que usa – respondeu John –, e não morde.

– Um belo elogio, de facto! – riu Bramwell.

– Leve o cavalo para o estábulo – disse Clarinda a John, desgostosa com a conversa dos dois homens –, depois vá-se deitar.

– Não precisa de mim para mais nada?

– Não. Bramwell insiste que está em condições de conduzir. Espero que consiga ir para casa da mãe quando eu o despachar.

– Miss Dudley tem um consultório privado? – perguntou Bramwell a John.

– Não, ela usa a sala da frente, capitão.

– Então, vou tê-la só para mim na sala! – Bramwell inclinou-se para John e, em tom conspiratório, sussurrou: – Ela quer ver as minhas costelas.

– Cale-se, Bramwell! – Clarinda empurrou-o para a porta.

Ele entrou como se fosse dono do sítio, e ela fechou a porta.

Enquanto batiam com as botas no chão para largarem a neve e despiam os cachecóis e casacos, ela disse:

– O John chamou-lhe capitão Bramwell. O senhor é capitão de *quê*? Está no exército?

– Não, sou um homem do mar. Tenho os meus próprios navios.

– Navios, plural?

– Sim.

– E navega pelos mares? Quais?

– Todos os que puder.

– Que sorte para si.

– Sim, tenho tido sorte – concordou ele.

Na sala à esquerda o lume ardia na lareira, a atmosfera era quente e acolhedora, pois os criados mantinham o espaço preparado para o regresso dela. Clarinda exagerara nas decorações, por isso o espaço estava cheio de visco, fitas e velas. Ver aquilo animou-a muito.

– Porque está a sorrir? – perguntou ele, olhando-a.

– Porque esta sala é tão festiva! Sinto-me feliz.

– Por estar em casa?

– E por viver aqui e não estar ao frio e ter um lugar seguro para onde voltar quando é tarde e estou cansada.

Ele franziu a testa, como se pudesse pedir-lhe que explicasse melhor. A declaração ousada dela dera a entender uma história difícil, mas ele era demasiado educado para a interrogar. Ela não teria respondido a verdade, de qualquer maneira.

Clarinda estava a tentar adaptar-se à região, mas as suas competências médicas tinham-na prontamente posto à margem. O seu passado só a si dizia respeito.

Entraram na sala e, quando o fizeram, ele olhou para a grinalda em torno da moldura da porta. Havia um ramo de visco no cimo, e Bramwell apontou para ele e sorriu.

– Estamos em pé sob o visco, Miss Dudley.

– Pois estamos.

– Sabe o que isso significa, não sabe?

– Que acha que deve beijar-me?

– Sim.

– Nos seus sonhos. Ainda tenho a minha pistola. Está carregada, lembra-se?

Ela virou-se para ele, carrancuda, mas o seu olhar severo desvaneceu-se rapidamente.

Na estrada, percebera que ele era bonito, mas não tinha reconhecido quão bonito. Com todo aquele cabelo negro comprido e os olhos azuis magníficos, era como um anjo pintado no teto de uma igreja. Ou não. Era um demónio, todo ele moreno e arrojado e perigoso. O inimigo de um deus. O inimigo de um anjo.

Ele inclinou-se, encostando-se a ela, mas não de uma forma contundente ou assustadora. Ela podia tê-lo repreendido e empurrado, mas para seu desgosto, não quis fazê-lo.

Era muito raro deixar um homem chegar tão perto. Quando era mais nova, o irmão tinha sido terrivelmente protetor, portanto ninguém a importunara. Mas à medida que fora amadurecendo, observara muitos canalhas, tinha aprendido a propensão insensível deles para a crueldade e o vício, de modo que não estava interessada nas atenções masculinas.

No entanto, por alguma razão, Bramwell inspirava-lhe emoções que ela não se importava de ter.

Sentia cada centímetro dele, o seu peito largo, a barriga e as coxas e as canelas e os pés. Estava ansiosa por também se inclinar para ele, por estar mais perto e mais intimamente ligada. Agarrou na moldura da porta com os dedos, mantendo-se imóvel para se impedir de se esfregar contra ele como um gato

satisfeito.

– Importa-se de... ah... se sentar no sofá? – A sua voz era baixa e sem fôlego e muito diferente do costume.

– Estou bem onde estou. – O sorriso dele era aberto e convidativo, tentando-a. – E a senhora? Está bem onde está?

– Não.

– Mentirosa. Sente-se intrigada comigo. Está a pensar naquilo que me atreverei a fazer. Pergunta-se se irá gostar.

– É tão vaidoso.

– Admito. Sou mesmo.

– Aposto que já beijou raparigas daqui até à China.

– Bem, até às Índias Ocidentais, pelo menos.

– E de lá para cá?

– É claro.

– Libertino – zombou ela.

– Sim – admitiu ele, quase com regozijo. – Admito a minha culpa.

– Será que todas o amavam quando acabou com elas?

– Sim, todas. Como poderiam não ter amado?

– Porque deveria eu deixá-lo fazer o que fez a todas as outras raparigas?

– Porque vai gostar?

– Duvido.

– Vamos ver, certo?

– Não vamos.

– É Natal, Miss Dudley. Viva um pouco.

– Não preciso de viver assim tanto, muito obrigada.

– Considere isso uma prenda minha para si este Natal.

– Nunca aceito prendas de estranhos.

– Talvez devesse começar a aceitar.

– Ou talvez não.

Ele estudou o seu modesto vestido cinzento, o cabelo castanho apanhado num coque funcional.

Maliciosamente, disse,

– Nunca foi beijada, pois não?

– Fui beijada centenas de vezes – gabou-se ela com arrogância.

– Centenas de vezes. Realmente.

– Sim. Os homens não me conseguem resistir.

Ele desatou a rir.

– É uma mulher fatal, é isso? Se eu a beijar, nunca mais vou ser o mesmo?

– Nunca mais.

– Como posso afastar-me de um desafio como esse?

– Como pode algum homem?

Ocorreu a Clarinda que estava a namoriscar, embora não soubesse como o fazer. Devia ser instintivo, uma característica feminina inata que todas as mulheres possuíam.

Bramwell baixou o olhar, a sua atenção quente focada na boca dela. A concentração dele era tão fascinante que Clarinda sentiu um nó no estômago.

Reteve a respiração, sentindo-se em pulgas. Iria beijá-la? Iria ela deixar?

Estavam sob o visco, e como ele tinha dito, era Natal. Ele era tão ousado, tão persuasivo, e implorava-lhe que fosse indiscreta.

Não era o sonho de todas as raparigas? Ela sentia que nascera velha. Nunca tivera infância, nunca fora *menina*.

Porque não continuar? Porque não se comportar mal sob o visco?

– É muito bonita, Clarinda – murmurou ele.

– É muito simpático da sua parte dizer isso.

– Feche os olhos.

– Porquê? – perguntou ela obstinadamente.

– Sabe porquê.

Ele aproximou as mãos da cintura dela e pousou-as nas ancas. Quase contra sua vontade, as pálpebras dela desceram.

Tinha esperado que ele a agarrasse e maltratasse, que passasse as mãos afoitamente sobre o seu corpo. Mas o toque – quando aconteceu – foi meigo e insuportavelmente doce.

Leve como uma borboleta, ele pressionou os seus lábios nos dela, e a sensação foi indescritível. Clarinda não conseguiu explicar, pôde apenas deleitar-se com o momento e desejar que ela nunca acabasse.

A solidão e o arrependimento vieram ao de cima quando ela se lembrou dos seus Natais anteriores. Não houvera nenhuma mesa festiva, posta com um serviço de porcelana fina. Nem tios e hordas de primos brincalhões. Nenhum ganso de Natal ou pudim ou canções entoadas em volta da árvore.

Tinha sido apenas ela e o irmão, os dois a lutarem contra o mundo inteiro. Porque tinha ela aceitado essa escolha? Podia ter casado e construído uma família para si. Porque não o fizera?

Demasiado depressa, o beijo acabou e ele afastou-se.

Sorria-lhe com tanto carinho que ela desejava agarrar-lhe as lapelas, sacudi-lo e implorar: *Nunca me deixe! Prometa que não o fará!*

De vez em quando lançava feitiços e praticava magia, mas fazia-o para outros, para os deixar felizes. Nunca aplicara qualquer mafia a si própria, mas sentiu uma ligação tão intensa àquele homem que parecia ter sido enfeitiçada.

O que se passava com ela? Como podia um beijo afetá-la tanto?

– O que diz, Miss Dudley? Como foi o seu primeiro beijo… e logo na véspera de Natal?

– Não foi horrível – declarou ela alegremente, desesperada para se recompor, para exibir a sua desenvoltura típica.

– Sua sirigaita! Devia estar extasiada e dizer-me que sou um homem muito viril.

– Nunca, seu bandido! Você é demasiado vaidoso.

– Como irá o meu pobre ego sobreviver ao nosso encontro?

– Provavelmente não irá.

Ele olhava-a com tanta intensidade que ela pôde ler os seus pensamentos conturbados. De repente, viu a sala na mansão do irmão dele, viu a sua mãe amarga e cáustica furiosa e aos gritos.

– Teve uma discussão em casa – deixou ela escapar –, com a sua mãe. É

por isso que estava na taberna. Discutiram, e você saiu de casa.

– Como sabe? – perguntou ele, nervoso com a presciência dela.

A própria Clarinda ficara um pouco perturbada. Nunca permitia que os outros se apercebessem da sua capacidade mais cuidadosamente protegida.

Ela encolheu os ombros.

– Consigo... *ouvir* isso a emanar de si.

– Ouvir? Você é bruxa?

– E se for?

– Podia dar-me um feitiço que mudasse o meu destino?

– O seu destino parece-me muito grandioso. É um homem rico e com poder. Porque mudaria alguma coisa?

– E se eu também quiser ser feliz?

– Ser rico e poderoso não é suficiente?

Ele suspirou.

– Eu costumava achar que sim, mas já não tenho a certeza.

Instalou-se um silêncio pungente. Estavam prestes a partilhar histórias e segredos, a aproximarem-se de uma forma que nunca poderia ocorrer entre eles.

Ela apontou para o sofá.

– Porque não se senta e eu vejo os seus ferimentos?

– Ah! – exclamou ele. – Um beijo e mal pode esperar que eu dispa a camisa.

– Sim, por favor, deixe-me tocar nessas costelas.

– Estou ao seu dispor, minha senhora. Vamos ver com que rapidez consigo despir-me.

Ele dirigiu-se ao sofá e sentou-se com cuidado; embora se risse, estivesse um pouco embriagado e tentasse fingir estar bem, não conseguiu esconder um outro esgar de dor.

Clarinda não achava que ele precisava de mais álcool, mas se fossem necessários pontos, não faria mal mais um golinho.

– O senhor bebe brande, capitão Bramwell?

– *Whiskey*, se tiver.

Ela dirigiu-se ao aparador, grata pela oportunidade de ganhar tempo enquanto lhe servia a bebida. Para sua surpresa, estava a tremer, prova clara de como o beijo a tinha abalado. Preparou também um copo para si e bebeu de um único trago.

– Se a sua mãe lhe dissesse para casar com alguém que a senhora despreza, obedeceria? – perguntou ele pensativo.

Ela olhou para ele.

– Foi por isso que discutiram?

– Sim. Ela escolheu uma jovem adequada perfeitamente horrível e exigiu que eu a pedisse em casamento. A senhora manteria a paz e concordaria?

– Eu não tenho mãe – respondeu ela –, mas se ela ainda cá estivesse, acho que não lhe faria a vontade. Nunca fui boa a obedecer a ordens tolas. Esperaria que ela entendesse.

– Eu sempre obedeci. Como é que começo a *desobedecer* aos vinte e oito

anos?

– As pessoas…mudam – disse ela.

Ela pôs o uísque dele numa bandeja, depois virou-se para lho levar.

Porém, o tolo tinha adormecido, o álcool, a luta e o frio a combinarem-se para produzir os seus efeitos. Tombou para o lado, com a cabeça apoiada no braço do sofá. Embora ressonasse um pouco, parecia jovem e inocente, e ela teve uma imagem de como ele devia ter sido em criança.

Pousou a bandeja numa mesa próxima, e aproximou-se dele.

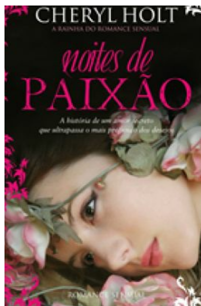
– Capitão Bramwell – murmurou, uma mão no ombro dele, mas o homem não se mexeu. Chamou-o outra vez, mas não recebeu resposta.

Clarinda pegou numa colcha e cobriu-o. Então entrelaçou os dedos nos dele e apertou.

– Meu elegante capitão – sussurrou. – Feliz Natal para si.

A noção de cuidar dele durante toda a noite, de vigiar o seu sono, era deveras emocionante. Serviu-se de mais um uísque, depois fui para a janela ver os flocos de neve a cair lá fora.

Também da Autora



Kate Duncan concorda em ajudar a prima a conquistar um marido até que percebe que a jovem deseja usar uma suposta poção de amor para seduzir Marcus Pelham. Para provar que o elixir não passa de uma bebida sem qualquer efeito mágico, Kate bebe-o e vive o momento mais sensual da sua vida ao apanhar Marcus em plena sessão amorosa com outra mulher. Todos os nervos do corpo de Kate reagem ao observá-lo no meio das sombras, mas o despertar dos sentidos será uma consequência da poção ou do atraente homem? Felizmente, Marcus não repara que Kate o espia, ou pelo menos ela assim o pensa…

Na qualidade de conde de Stamford, Marcus tem a seus pés muitas mulheres. Contudo, nada o excitou tanto como a imagem de Kate a observá-lo. Marcus vai então tentar seduzir Kate e bebe, também ele, a poção. Contudo, o jogo assume contornos inesperados quando Marcus se vê verdadeiramente atraído pela inocente Kate. Ao ensinar-lhe a excitante arte da sedução, será que se apaixona perdidamente pela primeira vez? E será ele capaz de amar uma única mulher para o resto da vida?

« A melhor autora de romances sensuais.»

Statesman Journal

« Uma verdadeira jóia.»

Old Book Barn Gazette

« Uma história de amor muito sensual…»

Romantic Times

« *Noites de Paixão* é simultaneamente um relato quente
e uma emotiva e envolvente história de amor.
Só Cheryl Holt consegue escrever romances sensuais
que tocam simultaneamente o coração, o corpo e a alma.»

Historical Romance Club

« Cheryl Holt é uma autora muito talentosa.»

Fresh Fiction



Uma solteirona resoluta de vinte e cinco anos, Abigail Weston, está determinada em ver a irmã mais nova casada com um homem Bem. Contudo, a sua falta de experiência com o sexo oposto impede-a de apaziguar os medos da irmã em relação à noute de núpcias - a não ser que se atreva a dar um passo arriscado de forma a aprender o que a intimidade entre um homem e uma mulher implica. No entanto, o único homem em Londres qualificado para ensiná-la, desperta-lhe uma atenção que ela nunca esperou - experimentar todos os suspiros de prazer por si própria... James Stevens - rico, imoral e tremendamente aborrecido com a sociedade londrina - acredita que nada é capaz de chocá-lo. Apesar de o pedido de Abigail pela explicação verbal dos prazeres da carne ser um pouco surpreendente, o que o deixa realmente espantado é a sua reacção poderosa em relação à inocência e beleza dela. Uma química sexual entre eles faz com que surja um êxtase carnal, e nada mais arruinaria para sempre Abigail. Pela primeira vez na vida, James suspeita que o simples contacto físico empalidece o amor verdadeiro...

« As personagens vibrantes e o enredo agitado
prenderam-me desde a primeira página. Cheryl Holt
é uma nova voz fresca do romance histórico. Bravo!»

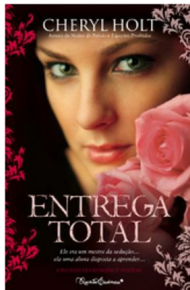
Affaire de Coeur

« A melhor autora de
romances sensuais.»

Statesman Journal

« A autora captou maravilhosamente
o amor atormentado entre este improvável par.»

Bookishly Attentive



Com os últimos bens perdidos ao jogo pelo seu dissoluto irmão, Lady Sarah Compton viajou até uma festa numa casa de campo para desfrutar de um derradeiro momento de graciosidade e de beleza. Contudo, ignora que a ocasião é igualmente um famoso evento, em que membros da aristocracia podem realizar todas as suas fantasias sensuais e caprichos eróticos. Tão-pouco se apercebe de que o homem maravilhoso que entrou furtivamente no seu quarto é nem mais nem menos do que Michael Stevens, um libertino que dá e recebe ousadamente prazer... Filho bastardo de um conde, Michael Stevens usufrui da sua reputação como o mais famoso sedutor de Londres. Contudo, não faz ideia de como atuar perante a beleza ruiva que quase confundira com uma nova conquista, nem de como uma ingénua poderia ter sido convidada para uma reunião onde a entediada elite de Londres satisfaz os seus desejos carnais. Quando Lady Sarah Compton recusa seguir o aviso de Michael - o de abandonar a casa para seu bem - nasce uma forte atração e ele anseia por ser o seu tutor na arte da paixão...

« ...Excecional...»

Romantic Times Magazine

« Seguindo o caminho erótico traçado por outras autoras do género,
Cheryl Holt explora fantasias secretas intimamente ligadas

a uma romântica história de amor. Embora o livro seja sexualmente explícito, os leitores vão considerá-lo um romance gratificante
– um a que terão prazer em render-se.»

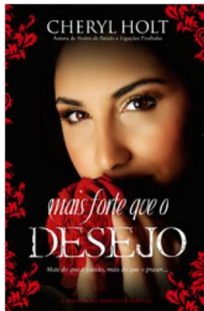
Goodreads.com

« Fiquei maravilhada com *Entrega Total*,
uma história simultaneamente sensual e pungente.
Personagens sensacionais, e uma leitura cativante
que o leitor não consegue largar, a menos que esteja morto!...
Não perca esta autora. Ela é um diamante cintilante!»

rakehell.com

« A história agarra o público desde o início,
enquanto os personagens principais lutam pela entrega total.
O elemento de suspense acrescenta tensão, mas a história pertence
a Sarah e Michael. Cheryl Holt aumenta o calor
com este sedutor romance.»

AllReaders.com



Com a família a atravessar uma grave situação financeira, Olivia Hopkins dispõe-se a conseguir uma proposta de casamento do já maduro conde de Salisbury. Contudo, o plano cai por terra quando ela descobre um livro erótico na biblioteca do conde. O livro incendeia o corpo de Olivia, que não consegue pô-lo de lado, até ser apanhada em flagrante pelo diabolicamente bonito filho do conde, um homem que lhe acelera o coração e lhe preenche o imaginário com pensamentos escaldantes... Phillip Paxton não consegue acreditar na sua boa sorte. O facto de ter apanhado Olivia com aquele livro picante confere-lhe a maravilhosa oportunidade de humilhar o pai que despreza. Servindo-se do livro como isco, Phillip atrai Olivia para uma ligação eletrizante que resulta em ardentes lições de paixão. Phillip não esperava apaixonar-se pela sua encantadora aluna, mas o que começa como um esquema libertino em breve se transforma num romance genuíno e que Phillip protegerá a qualquer custo...

« Holt conhece os desejos ocultos do coração e manipula-os nesta história de amor sensual. Oferece-nos três romances escaldantes: os amantes sensuais jovens, o amor terno entre as personagens maduras, e uma ligação muito *sexy*. Adicionem um pouco de suspense, raptos, um vilão louco e um clímax emocionante e terão tudo o que precisam num romance.»

Romantic Times Magazine

« Cheryl Holt vai arrebatar o seu público com este conto bem escrito. A sua trama inteligente atrai o leitor, seduzindo-o a continuar a ler página após página. Cheio de tensão sexual e carregado de enredos secundários, irá deixá-lo satisfeito.»

Simegen.com

« Uma história sensual de amor proibido. Cheryl Holt faz subir a temperatura!»

The Best Reviews.com

Índice

CAPA
Ficha Técnica
Prefácio da autora
Um Primeiro Beijo De Cheryl Holt
Também da Autora